

DONALD G.
BLOESCH

A LUTA
DA ORAÇÃO




VIDA NOVA

EM BUSCA DO VERDADEIRO
QUEBRANTAMENTO

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
<i>Agradecimentos</i>	15
<i>Introdução</i>	17
I. A CRISE DA ORAÇÃO	29
<i>A nova situação religiosa.....</i>	29
<i>O equívoco sobre a oração</i>	33
<i>Rumo à recuperação da oração bíblica.....</i>	39
<i>Reavaliando a oração mental</i>	43
II. A BASE BÍBLICA DA ORAÇÃO	47
<i>O Deus vivo e todo-poderoso</i>	47
<i>O papel decisivo de Jesus Cristo.....</i>	56
<i>O derramamento do Espírito Santo</i>	60
<i>Oração pública e particular.....</i>	64
<i>Orações não respondidas.....</i>	69
III. DIÁLOGO COM DEUS	75
<i>Encontro dialógico.....</i>	75
<i>Aproximando-se do trono de Deus</i>	82
<i>A hora e a duração da oração</i>	86
<i>Esperando e lutando em oração</i>	91
IV. SÚPLICA SINCERA.....	95
<i>A essência da oração</i>	95
<i>Outros elementos da verdadeira oração.....</i>	97

<i>Lutando com Deus</i>	101
<i>Perseverança na oração</i>	109
<i>Oração evangélica versus oração mágica</i>	113
<i>Oração de intercessão</i>	120
<i>Oração eficaz</i>	124
V. ORAÇÃO E MISTICISMO	131
<i>Confrontando os místicos</i>	131
<i>Dois padrões de espiritualidade</i>	133
<i>Perspectivas divergentes sobre a oração</i>	147
<i>Possibilidade de convergência?</i>	160
VI. ORAÇÃO E AÇÃO	171
<i>A labuta da oração</i>	171
<i>Ação e contemplação</i>	179
<i>Vários tipos de discipulado</i>	182
<i>Uma era de ativismo</i>	194
VII. O OBJETIVO DA ORAÇÃO	199
<i>Dois entendimentos</i>	199
<i>Objetivos derradeiros e intermediários</i>	204
<i>Comunhão constante com Deus</i>	210
<i>Religião pessoal e social</i>	213
<i>A vinda do reino</i>	216
<i>Índice remissivo</i>	221
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	233

PREFÁCIO

Escrevi este livro sobre oração com o intuito de delinear os contornos de uma espiritualidade evangélica. A oração é o coração da espiritualidade e, portanto, possui certa primazia em relação a outras áreas da vida espiritual. Meu foco é a oração cristã, mas convém lembrar que a oração é um fenômeno universal, profundamente enraizado na condição humana. Barth apropriadamente chama a oração de nosso “incurável anseio por Deus”.

Neste livro explorarei as diferenças e convergências entre dois tipos de espiritualidade: o misticismo e o personalismo bíblico. Continuo, assim, uma análise já iniciada em dois livros anteriores de minha autoria: *The crisis of piety* [A crise da piedade] e *The ground of certainty* [O fundamento da certeza]. Não busco conciliar a religião profética com o misticismo, mas esclarecer as questões que separam e unem essas duas perspectivas espirituais. Embora eu reconheça a dimensão mística na oração verdadeira, coloco-me fundamentalmente dentro da tradição dos profetas bíblicos e da Reforma Protestante, que vê a oração não como *recitação* (como na religião formalista) ou *meditação* (como no misticismo), mas como um diálogo entre, de um lado, um Deus vivo e, de outro, aquele que foi alcançado por sua graça.

A verdadeira oração é aqui entendida como Deus dirigindo-se à humanidade e convocando a uma resposta de obediência, não como a humanidade se elevando até Deus para se tornar um com ele (o ideal místico). Não se trata de negar que um dos principais objetivos da oração é conformar-se à vontade de Deus; isso, porém, não deve ser visto como uma deificação ou divinização, mas como

a concretização da verdadeira humanidade, o que é possível apenas pelo derramamento da graça imerecida.

Muito do misticismo começa em ambiguidade e termina em heresia. Contudo, há outro tipo de misticismo, um tipo que é purificado e corrigido pelo evangelho bíblico. Esse tipo de misticismo é uma dimensão integral da oração profética da fé bíblica. A consciência mística precisa estar unida a uma crença fervorosa na mensagem bíblica. A experiência mística precisa ser transformada e redirecionada pela fé no Salvador crucificado e ressuscitado.

Meu segundo motivo para escrever este livro é combater os atuais equívocos sobre a oração, como se vê no misticismo popular e no evangelicalismo extremado, em que a oração é reduzida a uma experiência de elevação da consciência ou a uma técnica terapêutica. Também busquei combater a oração ritual, tão predominante no protestantismo tradicional e no catolicismo, embora eu não descarte o lugar apropriado de formas litúrgicas no culto público.

Faço questão de reconhecer minha dúvida com três grandes guerreiros da oração: Martinho Lutero, o pai do evangelicalismo moderno, cuja fidelidade e catolicidade bíblicas estão sendo redescobertas por estudiosos católicos romanos; Richard Sibbes, notável pregador puritano na Inglaterra dos séculos 16 e 17; e Peter Taylor Forsyth, ministro congregacional britânico e teólogo, herdeiro moderno dos puritanos (m. 1921). Todos os três deram o devido reconhecimento à dimensão da insistência na oração, algo que, desde Schleiermacher e Troeltsch, tem sido seriamente negligenciado na espiritualidade protestante. Aqueles luminares evangélicos viam acertadamente que a oração é um ato da vontade e não simplesmente um descansar na quietude. Embora reconhecessem que Deus concede muitas dádivas não solicitadas, também insistiam em que grandes dádivas sempre são dadas em resposta a grandes orações. Ainda assim, não negavam o elemento místico na oração e, com frequência, aludiam ao êxtase que acompanha a união com Cristo, concretizada na fé. Além

disso, tinham em comum um conceito elevado da igreja e dos sacramentos e eram firmes defensores da unidade cristã. Richard Sibbes às vezes citava Lutero em seus escritos e Forsyth claramente revela sua dependência tanto dos Reformadores quanto de toda a tradição puritana. Por mais que Calvino provavelmente enfatizasse mais a submissão à vontade de Deus, sem negar a dimensão da insistência, esses homens ressaltavam a necessidade de lutar com Deus em oração; Lutero e Sibbes chegaram a dizer que orar é “conquistar a atenção de Deus”, uma vez que a oração busca fazer com que Deus cumpra suas próprias promessas. As afirmações por vezes exageradas de Lutero e Sibbes sobre o poder da oração precisam ser analisadas com cautela com a percepção de Calvino de que Deus permanece soberano, mesmo na vida de oração.

Os santos de fé evangélica, inclusive Lutero, Calvino, Kierkegaard, Forsyth e muitos outros, reconhecem que as pessoas se voltam para Deus na angústia de seu espírito (cf. Jó 7.11) e encontram um Deus que não os abandonará (cf. Jó 7.17-20; 9.14,32). Eles nos estimulam a nunca desanimar, mas a persistir na oração, desejar e buscar até que surja o aguardado livramento, mesmo que isso venha de uma maneira que inicialmente não prevíamos. Com os grandes santos do evangelicalismo podemos aprender a enfrentar o futuro com esperança e confiança, pois a oração é “nossa força e vitória em cada provação” (Lutero).

Este livro pretende ser uma teologia da oração e não um guia prático para o desenvolvimento da vida de oração. Ao mesmo tempo, espero que aqueles que o lerem se beneficiem não apenas intelectualmente, mas também de maneira prática. Terei imensa satisfação, caso este conteúdo incentive alguns a passar da oração de repetição para a oração do coração, que é oração com “fé, fervor, constância e sentimento” (Sibbes). Escrevo como um aprendiz da vida de oração, não como um especialista, e espero poder intercambiar percepções sobre este tema com os leitores.

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar minha profunda gratidão à minha esposa, Brenda, por sua grande ajuda na revisão de vários de meus livros recentes. Também devo muito às observações perspicazes e comentários do Dr. Charles Whiston, diretor do National Prayer Tryst Fellowship, da qual fui membro; do padre Benedict Viviano, do Aquinas Institute of Theology; do Dr. Rudolf Schade, do Elmhurst College; e do Sr. Lance Wonders, pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Andrew, estado de Iowa, nos Estados Unidos. Sou também muito grato à Sra. Lillian Staiger, da biblioteca do Seminário Teológico de Dubuque, por sua ajuda na obtenção de livros necessários à minha pesquisa.

Agradeço ao *The Reformed Journal* a permissão para a publicação, em forma revisada, do artigo “Prayer and mysticism” [Oração e misticismo], que apareceu nas edições de março e abril (1976) daquela revista. Esse artigo foi originalmente o discurso que, na condição de presidente da American Theological Society, Midwest Division, proferi em abril de 1975 para os membros desse grupo em reunião realizada no Elmhurst College, Elmhurst, estado de Illinois, nos Estados Unidos.

Alguns dos capítulos deste livro foram apresentados em forma embrionária em palestras em várias igrejas e faculdades ao longo dos últimos anos.

INTRODUÇÃO

Em uma época de renovado interesse pelo misticismo e pela espiritualidade, é oportuno explorar o sentido da oração bíblica. Para muitas pessoas de hoje, fascinadas pelas novas tendências na teologia e na religião, a oração é uma experiência de autoconsciência mediante a qual a pessoa entra no santuário interior da alma. Ou é, então, um meio comprovado de êxtase libertador do estresse da vida diária. Ou é, ainda, uma técnica altamente refinada que visa preparar a pessoa para a união com o fundamento de todo o ser. Como veremos, ficará muito claro que, segundo a perspectiva bíblica, a oração é radicalmente diferente das concepções mencionadas acima.

A questão que precisa ser ponderada é se o misticismo *pop* que atualmente domina o panorama espiritual está de acordo com a herança mística da fé cristã. O renomado historiador das religiões R. C. Zaehner — que é católico — responde com um não contundente, sustentando que, no sentido cristão, o misticismo cristão é qualitativamente diferente do misticismo em geral.¹ Mas, à luz dos muitos estudiosos da religião que identificam certos temas condutores universais em operação em todas as vertentes de misticismo, essa alegação está aberta a questionamento.²

Em círculos protestantes tem sido costume estabelecer uma nítida distinção entre, por um lado, a fé dos profetas bíblicos e dos reformadores evangélicos e, por outro, a religião dos místicos.

¹R. C. Zaehner, *Mysticism: sacred and profane* (Oxford: Clarendon, 1957).

²Veja Sidney Spencer, *Mysticism in world religion* (Baltimore: Penguin, 1963); F. C. Happold, *Mysticism: a study and an anthology* (Baltimore: Penguin, 1963); e Geoffrey Parrinder, *Mysticism in the world's religions* (New York: Universidade de Oxford, 1977).

Como essa distinção é vigorosamente contestada especialmente por estudiosos católicos, é recomendável reexaminar a complexa relação entre espiritualidade mística e piedade evangélica. Tem-se reconhecido cada vez mais que os próprios reformadores foram profundamente influenciados pelo misticismo católico, e isso é ainda mais válido no caso do pietismo e do puritanismo, que foram movimentos espirituais de purificação ocorridos após a Reforma. As raízes bíblicas de muitos dos místicos estão agora sendo redescobertas, e começa a surgir a esperança de que as barreiras históricas entre essas duas tradições espirituais talvez possam ser finalmente superadas.

No contexto do presente estudo, o *misticismo* se refere a um tipo de religião caracterizado por uma percepção imediata ou direta da presença de Deus e por uma tentativa de concretizar a união com a divindade. Em contraste, o *evangelicalismo* designa um tipo de religião em que o conhecimento de Deus é mediado por um testemunho particular e histórico da revelação divina e em que a ênfase é dada à promoção da glória de Deus e não à elevação à glória. No misticismo, o apelo é a uma experiência que transcende a polaridade sujeito-objeto, ao passo que no evangelicalismo o apelo é a uma revelação conclusiva ocorrida na história e atestada e registrada na Bíblia. Místicos cristãos buscam interpretar a experiência de unidade com Deus sob a ótica cristã, mas a tendência básica ainda é a-histórica, em que a devoção a Jesus é apenas um meio de união com o fundamento eterno de todas as coisas.

Este livro tenta iniciar um diálogo entre as tradições evangélica e mística. Meu propósito, no entanto, não é conciliar a espiritualidade evangélica com o misticismo, mas, sim, possibilitar que evangélicos reconheçam a importância de alguns dos grandes místicos que, em sua maioria, permaneceram fiéis à verdade bíblica apesar de serem dependentes de uma filosofia estranha, tal como o neoplatonismo. Bengt Hoffman deu uma contribuição significativa

em seu livro *Luther and the mystics* [Lutero e os místicos] ao revelar as raízes místicas da fé de Lutero, mas ele não faz justiça à originalidade da teologia de Lutero, em particular à sua doutrina de justificação forense, a qual o distingue claramente de seus antecessores místicos.³ Steven Ozment, em seu *Homo spiritualis*, defende de maneira persuasiva que Lutero e os místicos definitivamente *não* estavam dizendo a mesma coisa de maneiras diferentes.⁴ Apesar disso, parece que Ozment desconsidera com demasiada facilidade os temas místicos da teologia de Lutero e termina fazendo de Lutero um pensador puramente ético preocupado com a humanização e não com a transfiguração da pessoa à imagem de Cristo. Sustento que a espiritualidade de Lutero era fundamentalmente diferente da dos místicos, mas isso não significa que ele não tenha recorrido à sua herança mística, tanto negativa quanto positivamente, ao dar forma à sua própria espiritualidade.

Um livro que teve influência decisiva na minha maneira de entender a oração é *Prayer* [Oração], de Friedrich Heiler, um estudo sobre a história e a psicologia da religião.⁵ Heiler, um convertido do catolicismo romano para o luteranismo, distingue vários e diferentes tipos de oração, inclusive a mística e a profética.

No esquema de Heiler, o primeiro tipo, denominado oração primitiva, caracteriza a religião animista ou tribal. Nesse contexto, a oração é em grande parte espontânea, mas ao mesmo tempo egocêntrica, pois o suplicante busca basicamente ajuda divina para assegurar sua própria prosperidade e proteção. A motivação vem em duas frentes: vantagem pessoal e medo. Pessoas

³Bengt R. Hoffman, *Luther and the mystics* (Minneapolis: Augsburg, 1976). É possível criticar Hoffman por não dar o devido reconhecimento à tensão entre a piedade evangélica de Lutero e a espiritualidade mística.

⁴Steven E. Ozment, *Homo spiritualis* (Leiden: Brill, 1969).

⁵Friedrich Heiler, *Prayer*, tradução para o inglês e organização de Samuel McComb (New York: Oxford University Press, 1958).

primitivas buscam livramento não do pecado, mas do infortúnio e do perigo. O Deus delas é decididamente antropomórfico e não onipotente, mas com frequência afável e às vezes arbitrário. Um apelo à compaixão ou à vaidade da divindade ou das divindades é um elemento recorrente na oração primitiva.

O segundo tipo de oração, que indica um grau mais avançado de civilização, é a oração ritual. Nesse contexto, a eficácia da oração está ligada à recitação de uma fórmula exata, verbalmente precisa e claramente articulada. O sacrifício é o elemento crucial da vida religiosa, e a oração de ação de graças fica em segundo plano. A invocação de um ou mais seres superiores introduz frequentemente a oração ritual. O conteúdo é o mesmo que o da oração primitiva — petição por bênçãos terrenas.

Entre os gregos antigos, observa-se um aprofundamento ético e um refinamento estético da religião primitiva. A petição por valores morais é agora considerada central na oração. Mas os gregos não tinham a consciência aprofundada do fracasso moral e da pecaminosidade, o qual levava os santos da fé cristã a suspirar pela graça e pelo perdão. A religião grega era uma religião natural ligada muito estreitamente à cultura grega.

Com os grandes filósofos (Heiler dá especial atenção aos pensadores clássicos e iluministas), a oração se torna uma reflexão sobre o bem supremo ou uma resignação diante da ordem suprema das coisas. A única petição considerada digna do filósofo é a oração pela concretização dos valores morais na vida individual. Já não há uma comunhão realista com um Deus vivo, tal como ocorre na oração primitiva, mas agora apenas reverênciia pela Natureza ou pelo fundamento da Natureza. Heiler mostra com perspicácia que “o pensamento filosófico racional significa o enfraquecimento e o esvaziamento da oração”.⁶

⁶Heiler, *Prayer*, p. 102.

Os dois tipos mais elevados de oração são, na tipologia de Heiler, a oração mística e a profética, e aqui vemos a relevância de Heiler para nossa análise. No misticismo, Deus é um “Descanso eterno” ou “Ideal perfeito”, não uma Vontade viva e ativa, como se vê na religião bíblica. Na oração mística, o objetivo é se tornar um só com o infinito. A ênfase está no amor a Deus e na união com Deus. A oração formal é vista como uma etapa preliminar para a oração interior, que consiste em meditação e contemplação. Para o místico, a oração é uma técnica que facilita a união com o Eterno. As petições pelas necessidades da vida são consideradas carnais, pois as necessidades mundanas não são tão importantes e não se deve procurar satisfazê-las. Heiler, que está falando de misticismo cristão e não apenas de misticismo não cristão, considera o misticismo cristão uma combinação de neoplatonismo e piedade bíblica, em que o primeiro predomina.

A oração profética, exemplificada nos profetas bíblicos e redescoberta pelos reformadores protestantes, é essencialmente um impulso súbito e espontâneo de emoção. O aspecto central dessa oração é a expressão da necessidade. O adorador não busca uma união arrebatadora com Deus, mas apenas sentir a presença divina na comunhão abençoada e viva com ele. A fé em Deus e o amor ao próximo são enfatizados em detrimento do amor que une a Deus. O objetivo da religião profética não é afastar-se do mundo, mas transformá-lo no reino de Deus. Heiler inclui nessa categoria as principais figuras proféticas do judaísmo e do islamismo e não apenas do cristianismo, pois as duas primeiras também são religiões de revelação.

A análise de Heiler tem sido, com frequência, objeto de duras críticas, em especial por estudiosos católicos romanos e anglicanos que se preocupam em defender os fundamentos bíblicos do misticismo cristão. Louis Bouyer afirma que Heiler deixa de perceber que a religião profética pode, com demasiada facilidade, tornar-se utilitária; ou seja, parece que buscamos a Deus apenas por causa